

Daniel Salvatore Schiffer

Oscar Wilde

Tradução de JOANA CANÊDO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Em nome do pai ou a história de um patrônimo

Os deuses me concederam quase tudo: eu possuía o gênio, um nome, posição, agudeza intelectual, talento [...].

OSCAR WILDE,
*De profundis**

A criança que nasceu no dia 16 de outubro de 1854 em Dublin, na Westland Row, número 21, e que o mundo logo iria conhecer como o glorioso Oscar Wilde – tanto por seu gênio literário quanto por suas aventuras mundanas – tinha inicialmente um nome com consonâncias ainda mais prestigiosas: Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde. Pois foi assim que seus pais, William Robert Wilde e Jane Francesca Elgee – ambos pertencentes à antiga burguesia irlandesa protestante e fervorosos nacionalistas –, chamaram seu segundo filho, batizado com esse patrônimo pelo reverendo Ralph Wilde, seu tio paterno, em 26 de abril de 1855.

De fato, tal nome de batismo traduz toda uma doutrina, enraizada num poderoso contexto histórico. Oscar, na mitologia céltica, é o filho de Ossian, rei de Morven, na Escócia; enquanto Fingal, irmão de Ossian, é um herói do folclore irlandês – em torno do qual James Macpherson criou, em 1760, seu fabulário gaélico**, antes de compor, em 1762, sua série epônima de poemas épicos***. O’Flahertie é o nome genérico dos reis pré-normandos do condado de Connaught, às

* As notas numeradas estão reunidas no final do livro, na p. 311.

** *Fragments of Ancient Poetry collected in the Highlands of Scotland* [Fragmentos de poesia antiga recolhidos nas Highlands da Escócia]. (N.T.)

*** *Fingal, an Ancient Epic Poem in Six Books, together with Several Other Poems composed by Ossian, the Son of Fingal, translated from the Gaelic Language* [Fingal, um antigo poema épico em seis livros, seguido de vários outros poemas compostos por Ossian, filho de Fingal, traduzido da língua gaélica]. (N.T.)

margens do lago Connemara, do lado ocidental da Irlanda. Essa genealogia é corroborada – num artigo tardio (1909) dedicado a Wilde – por outro célebre autor irlandês: James Joyce². Quanto ao quarto nome, Wills, trata-se de um dos nomes do próprio pai de Oscar Wilde, descendente de um ilustre e destemido guerreiro batavo. Pode-se imaginar que essa encantadora sucessão de antropônimos – espécie de aliteração poética extemporânea – ressoava no espírito do jovem Wilde como um eco das velhas lendas: histórias das quais a Irlanda sempre se orgulhou, embebidas na memória popular e transmitidas pela tradição oral.

Oscar Wilde, que se mostrou tantas vezes crítico em relação aos ingleses, sempre se considerou um celta, fazendo do nacionalismo dos pais a matriz patriótica de suas próprias origens. “Sou celta, não inglês”, declarou ao escritor Coulson Kernahan enquanto fazia a correção das provas de *O retrato de Dorian Gray*, como se quisesse se desculpar por seus eventuais erros de gramática. Foi, aliás, nesse mesmo romance que Wilde colocou na boca de Lord Henry palavras que soam ainda mais mordazes pelo fato de figurarem no que o autor considerava seu principal manifesto de estética: “Dentre todos os povos do mundo, são os ingleses os que possuem o menor sentido de beleza da literatura!”³ E depois, de maneira menos anedótica, porém ainda mais virulenta: “Nós, os celtas, quer sejamos gauleses, escoceses ou irlandeses, deveríamos [...] nos afirmar e mostrar a esses ingleses [...] o valor de nossa raça e o quanto somos orgulhosos de pertencermos a ela”. Em 13 de abril de 1889, nas colunas do jornal *Pall Mall Gazette*, ele denunciava “a incapacidade dos anglo-saxões de governar os celtas” e, julgando explicar os motivos pelos quais seus compatriotas, a fim de escapar ao jugo anglo-saxão, lançaram-se à conquista da América, escrevia: “A inteligência celta foi coagida a atravessar o Atlântico. O exílio foi para os irlandeses o que o cativo foi para os judeus”.

Foi nesse mesmo continente – onde realizou em 1882 uma longa turnê de conferências – que Oscar Wilde, com

apenas 28 anos, dirigiu as palavras mais duras contra os ingleses. E em particular numa palestra pronunciada em Nova York, no dia 9 de janeiro de 1882, quando, ao falar sobre “O Renascimento inglês da arte” diante de uma sala lotada, defendeu com uma rara energia os pintores pré-rafaelitas.

Ignorar tudo de seus grandes homens é um dos elementos necessários do espírito inglês. [...] Na Inglaterra, então como agora, era suficiente que um homem tentasse produzir alguma obra magnífica, séria, para que perdesse todos os seus direitos de cidadão; e, além disso, a Irmandade dos Pré-rafaelitas [...] tinha em si três coisas que o público inglês não perdoa nunca: juventude, talento e entusiasmo.⁴

E a imprensa americana, liderada pelo popularíssimo *New York Tribune*, apoderou-se logo no dia seguinte dessas palavras que, por mais justificadas que fossem aos olhos do brilhante dândi, não deixavam de ser, do ponto de vista do *establishment* britânico, das mais insultantes. Motivo pelo qual treze anos mais tarde – entre tantos outros pretextos igualmente falaciosos – esse mesmo *establishment*, ofendido, não perderia a oportunidade de realizar sua iníqua revanche por ocasião do processo de Wilde e, enfim, de crucificá-lo.

Mas se a eloquente sequência desses quatro nomes mágicos – Oscar, Fingal, O’Flahertie, Wills – explica, do ponto de vista psicológico, as razões do apego quase visceral à sua terra natal (a Irlanda), assim como o desprezo tão ostensivamente proclamado em relação a seu país de adoção (a Inglaterra), é em seu nome de família – Wilde – que reside o interesse mais manifesto do ponto de vista histórico. Segundo seu filho mais novo, Vyvyan Holland, é a uma origem holandesa, e de modo algum celta, que remonta esse belo e doravante “anglicizado” sobrenome.

Vyvyan Holland revela que seu mais distante ancestral – o primeiro que conseguiu identificar formalmente em terra irlandesa – era um mercenário holandês, o coronel De Wilde, que teria se alistado no exército do rei Guilherme III da Inglaterra. Porém, o mais surpreendente na história é que

o enigmático mas intrépido soldado – aventureiro sem um tostão, ávido no entanto por manter seu anonimato por evidentes razões familiares – teria sido filho de Jan de Wilde, o pintor holandês do século XVII.

O estranho coronel De Wilde teria assim participado, em 1º de julho de 1690, da batalha de Drogheda, que aniquilou qualquer possibilidade de os Stuart ascenderem ao trono da Inglaterra. E, para agradecer por sua bravura, Guilherme III lhe teria legado, como recompensa por serviços prestados à realeza, uma vasta extensão de terra no condado de Connaught, a pátria dos O’Flahertie. Foi então que o mercenário assim enobrecido fez desaparecer de seu sobrenome a partícula “De” – bastante comum na Holanda, onde não tem qualquer natureza aristocrática – para se fazer conhecer, à maneira do irlandês a que aspirava se tornar, pelo único nome de “Wilde”. A diferença de pronúncia da vogal “i” faria o resto do trabalho para que a troca de nacionalidade fosse completa e discreta.

Tal metamorfose identitária, por mais radical que fosse, não teria sido suficiente se De Wilde, de origem protestante, não tivesse logo desposado uma moça da região. Do casamento rapidamente celebrado nasceram três meninos. O terceiro, Thomas Wilde, futuro médico e avô de Oscar, também teve três filhos homens, dos quais o mais novo, William Robert Wills Wilde, nascido em março de 1815 (a data exata não é conhecida), é o pai de Oscar.

A lenta mas progressiva transformação do nome de Oscar Wilde – que começou por suprimir “Fingal”, do qual não queria que seus colegas estudantes tivessem conhecimento, antes de se desfazer de “O’Flahertie”, excessivamente carregado de conotações mitológicas a seus olhos – acelerou-se depois de seu fatídico processo. De fato, já no dia seguinte à sua condenação, em 26 de maio de 1895, seu nome foi pura e simplesmente retirado dos cartazes de suas peças de teatro, conquanto elas continuassem sendo representadas e ainda enlevassem a sociedade londrina! Contudo, o golpe fatal lhe foi infligido quando o regime penitenciário atribuiu,

ao criminoso que ele se tornara, a anônima matrícula C.3.3, correspondente ao número da cela que ocupava na prisão. Após sua libertação, Oscar Wilde assinou ainda com esse código – para não chocar a sensibilidade do público – as primeiras edições de “A balada da prisão de Reading”, publicada em 13 de fevereiro de 1898. Ele ainda não tinha 44 anos e confinara-se na penúria de um miserável hotel parisiense. Restava-lhe pouco menos de dois anos de vida.

E no exílio francês – corroborando de certo modo o trágico e inevitável esvaziamento de sua identidade, senão de sua pessoa – Wilde foi obrigado a se esconder por trás de um estranho nome falso, “Sebastian Melmoth”, curiosamente o mesmo patônimo do enigmático herói do romance de Charles Maturin (marido de sua tia-avó materna): *Melmoth, o viandante*.

Sua própria esposa também foi submetida, durante uma viagem à Suíça em junho de 1895, a uma humilhação não menos cruel. Após ter sido alvo de uma ofensa vinculada ao escândalo que o nome de Wilde provocava na época, foi obrigada a mudar de identidade, voltando a ser – inclusive nos registros de estado civil, e embora nunca tenha pedido o divórcio – a bem-comportada Constance Lloyd (seu nome de solteira) que supostamente teria sido antes de seu desastroso casamento. Seu próprio túmulo – erigido de modo discreto no pequeno cemitério protestante de Steglieno, em Gênova, onde morreu em 7 de abril de 1898 – por muito tempo não mencionou o nome de Wilde, passando a recebê-lo somente quando o escritor foi enfim reabilitado.

Quanto a seus filhos, Cyril e Vyvyan, tiveram seu sobrenome original substituído pelo segundo nome do irmão de sua mãe, Otho Holland Lloyd, homem culto e delicado que, para proteger os sobrinhos de prováveis malevolências, concedeu-lhes de bom grado esse favor... Isso acabou por se mostrar mais um lance paradoxal do destino, visto que um de seus mais antigos e gloriosos ancestrais – o famoso coronel De Wilde – fora, como se o círculo assim se fechasse, holandês!

Poderíamos inferir assim que a progenitura de Oscar Wilde indicou desse modo querer retornar, através desse nominalismo materno, às suas verdadeiras origens? Em todo caso, essa irônica piscadela da história revela-se fascinante do ponto de vista existencial. Pois, que os nomes carreguem um sentido, latente ou manifesto, é uma tese que Lord Henry defende em *O retrato de Dorian Gray* ao afirmar que “os nomes são tudo”.

Assim, foi somente após sua morte, ocorrida em 30 de novembro de 1900, quando seu nome foi por fim gravado de maneira indelével em sua lápide, que o genial Oscar Wilde, um apaixonado por paradoxos, recuperou afinal e para todo o sempre sua identidade.

Voltemos ao início da história. Aparentemente, foi então sob os melhores auspícios que Oscar Wilde nasceu. Seu pai, William Wilde, que desposou Jane Elgee em Dublin no dia 12 de novembro de 1851, era um médico com reputação bem-estabelecida em todo o reino. Especialista em doenças dos olhos e dos ouvidos, foi nomeado, graças a seus respeitados conhecimentos médicos, cirurgião-oculista da rainha Vitória. Em 28 de janeiro de 1864, a soberana o distinguiu, permitindo-lhe usar a título pessoal a distinção “Sir”, mas sem que a honra fosse hereditária. Foi assim que o pai de Oscar tornou-se, para o grande deleite de sua esposa e de seu filho mais velho (Willie, nascido em 26 de setembro de 1852), Sir William.

Contudo, Sir William não fora apenas um eminente cirurgião. Fora também um dos maiores especialistas em história celta. Foi ele quem redigiu, após intensas buscas arqueológicas, o *Catalogue of the Antiquities in the Museum of the Royal Irish Academy*. Homem de inteligências múltiplas, de grande desenvoltura social e amante dos prazeres da carne, é também a ele que o folclore irlandês deve uma de suas joias literárias: o *Irish Popular Superstitions* que, publicado em 1852, recebeu elogios de William Butler Yeats.

É portanto a esse pai – que sabia contar histórias tão bem como manipulava o bisturi, que se destacava na arte

oratória assim como apreciava suas descobertas científicas e que exumava fósseis com a mesma alegre habilidade com que dissecava cadáveres – que Oscar Wilde – cujo prodigioso engenho intelectual e entusiasmo radiante não ficavam nem um pouco atrás – deve seu gosto imoderado, mistura de tino literário e de curiosidade quase infantil, pelos contos fantásticos, tais como *O príncipe feliz e outros contos* (1888) ou *Uma casa de romãs* (1891).

No que se refere às escolhas de sua vida pessoal, Sir William mostrou-se de uma extraordinária perspicácia quando, estabelecida a sua fortuna, comprou uma parte do lote de terra que Guilherme III concedera outrora ao coronel De Wilde para construir a casa de seus sonhos: o esplêndido solar de Moytura (perto de Cong, na região do Mayo). Nessa propriedade familiar e residência de veraneio, o jovem Oscar tinha o hábito de passar a maior parte de suas férias e recessos escolares, feliz e despreocupado, correndo ao ar livre, contemplando a beleza da paisagem, praticando esportes nos vastos campos e pescando num lago adjacente (o Lough Corrib).

Entretanto, a vida não era tão idílica quanto parecia. E as graciosas aquarelas que Oscar executava com talento para aperfeiçoar seus dons inatos de pintor – atividade que abandonou cedo demais para se dedicar com seriedade – nem sempre bastavam para colorir sua existência cotidiana. Nessa época, por culpa do próprio Sir William, os Wilde tiveram de enfrentar um escândalo tão embaraçoso quanto doloroso para toda a família; aliás, o primeiro de uma longa série.

A sórdida história teve início em 1854, no ano em que William Wilde – cuja aparência não era das mais atraentes, mas cuja notoriedade exercia um certo poder de sedução sobre as mulheres – envolveu-se com uma de suas pacientes, a jovem Mary Travers. Embora casado com Jane havia quase três anos, ele convidou a moça diversas vezes à sua casa, apresentou-lhe a família, compartilhou com ela seus interesses, ofereceu-lhe livros e a cobriu de presentes. No entanto, essa excitante relação – meio aberta, meio clandestina – começou a se tornar comprometedora para sua carreira profissional, acabando por

enfastiá-lo, de modo que quis dar-lhe um fim. Ofereceu então a Mary – considerando ser essa a melhor maneira de se livrar da moça – uma viagem para a Austrália.

Negócio bastante tentador para uma jovem ávida de conquistar o mundo! Porém, ofendida e sobretudo ainda apaixonada por seu generoso Pigmaleão, ela se melindrou, recusando a proposta contra toda expectativa. Pior: louca de raiva e de ciúme, empunhou sua pluma mais envenenada e pôs-se a escrever uma série de cartas tão injuriosas como vingativas, que fez circular nos meios mais eminentes de Dublin. E esse caso confuso tornou-se realmente incômodo quando a encantadora, porém pudica, Mary insinuou em termos mal velados que em uma de suas consultas William Wilde tentara administrar-lhe clorofórmio a fim de adormecê-la e roubar-lhe a virgindade com toda impunidade. E a bela extravasou afinal sua cólera acerca desse assunto mortificante num panfleto com o título paródico (*Dr and Mrs Quilp*), que assinou afrontosamente como “Speranza”, pseudônimo da própria sra. Wilde – ela também escritora apreciada nos meios literários irlandeses. Por mais infundada que fosse, a acusação era grave.

Em maio de 1864, dez anos após o início desse caso lamentável, a esposa de Sir William – que entrementes se tornara Lady Wilde –, persuadida da inocência do marido, empunhou por seu turno a mais vigorosa pena para dizer ao pai de Mary, em termos pouco amigáveis, que a torrente de calúnias que sua indigna filha esforçava-se em despejar sobre eles era tão somente o produto ignominioso de “monstruosas maquinações”, sintomáticas de uma mulher frustrada. O velho Travers não respondeu. Era avaliar mal a determinação de sua maliciosa filha. Desafortunadamente, ela ouviu falar da carta e, ofendida em seu amor-próprio, decidiu então, no dia 6 de maio de 1864, ingressar na justiça contra Lady Wilde por difamação.

O processo ocorreu entre os dias 12 e 17 de dezembro de 1864, menos de um ano depois de William ter sido nomeado Sir. A ingrata Mary, por mais encantadora que fosse, não tinha a menor chance de ganhar a causa diante de tal dignitário de

Sua Majestade, especialmente por jamais ter podido produzir prova tangível que fundamentasse sua denúncia. Esta foi então rejeitada, e Sir William em definitivo isentado de qualquer suspeita. Contudo, a honra de Sir William não saiu ilesa do triste caso. Ao contrário, foi profundamente afetada. E ainda que tenha acabado por se reerguer moralmente, sua saúde física piorou com rapidez no espaço de três anos. À sua morte, em 19 de abril de 1876, deixou como herança para a esposa sete mil libras e quatro mil a cada um de seus filhos. Oscar, que tinha apenas 21 anos quando o pai faleceu, dissipou essa quantia – bastante vultosa – em seus dois últimos anos de estudos na Universidade de Oxford*, arrebatado por suas esbórnias estudantis, relacionadas por sua vez a uma igualmente excitante ascensão social.

Qual foi a reação de Oscar Wilde diante dessa história? A criança que ainda era na época do processo (tinha dez anos) nunca acreditou na culpa do pai, esse “homem universal” a quem prestou alusivamente homenagem, pela voz de Lady Bracknell, em *A importância de ser prudente*.

Mas poderia imaginar então, quando mal havia dado os primeiros passos na vida, que pouco mais de trinta anos depois enfrentaria por sua vez um tribunal da mesma espécie, embora por um motivo muito mais inofensivo – a homossexualidade – do que um suposto estupro? Com esta importante diferença: ele nunca se beneficiou da mesma clemência por parte de seus juízes quando enfrentou o marquês de Queensberry! Pode-se todavia notar uma semelhança na dinâmica dos dois processos: a atitude, com frequência altiva e por vezes arrogante, que manifestaram Oscar e Lady Wilde, seguros tanto dos fatos quanto de seus direitos ao longo de suas respectivas audiências. Ora, se com efeito foi do pai – ser jovial e bonachão, embora dotado de um humor cáustico – que Oscar herdou sua eloquência proverbial, foi de sua teatral e sentenciosa mãe, para quem altivez e temeridade nunca faltaram, que recebeu sua não menos famosa propensão à insolência. Essa última – que lhe valeu tantos sucessos legítimos

* Iniciados em 1874 e concluídos em 1878.

em suas comédias mais brilhantes – foi-lhe fatal durante seu processo, devido à maneira excessiva como a imprimiu em seu comportamento e em suas réplicas.

Quanto a dizer que Wilde sentiu verdadeira tristeza com a morte do pai – por quem nutria mais respeito do que afeição, ao contrário do que sempre sentiu com relação à mãe –, é algo que não podemos sugerir com segurança. A despeito da profusão de sua obra, é com uma impressionante economia que Oscar fala em seus textos da figura paterna, mesmo que de forma indireta. Num único de seus inúmeros poemas, intitulado “A verdadeira sabedoria”, evoca nitidamente sua lembrança, enaltecendo a extensão de sua ciência ao mesmo tempo em que lamenta sua morte inesperada.

Mas talvez, sem se dar verdadeiramente conta disso, tenha preferido não insistir nesse pai cujos aspectos pouco reluzentes de sua pessoa o fizeram sofrer quando estudava no Trinity College. Ali era alvo de piadas de gosto duvidoso por causa das baladas populares que circulavam sobre o pai. De fato, o jovem Oscar – cuja sensibilidade, para não dizer a suscetibilidade, já estava à flor da pele – sentia-se injuriado, mais ainda do que humilhado, como testemunham as brigas memoráveis, às vezes a socos e pontapés, que teve com alguns de seus colegas de escola.

Outras sombras envolviam ainda essa intrigante figura paterna, como as dos três filhos ilegítimos cujo nascimento seria anterior a seu casamento com Jane. Mas são apenas conjecturas, já que não dispomos de nenhuma informação crível para fundamentar tais rumores. A única coisa de que se tem certeza é que o primeiro dos três filhos foi um menino: um garoto chamado Henry, que William Wilde não reconheceu oficialmente. Assim, vítima dos mesmos problemas de identidade, o rapaz nunca usou o nome “Wilde”, sendo chamado de “Wilson”. Patrônimo completamente fabricado, embora derivasse de um espirituoso jogo de palavras, pois, separando-o em duas partes, *Wil-son*, tem-se, numa tradução literal, “filho de William”. No entanto, Sir William ocupou-se

do rapaz durante toda a vida com rara solícitude, fazendo dele um de seus herdeiros, da mesma forma que seus dois filhos legítimos.

Contudo, um evento extremamente doloroso veio obscurecer sua vida nesse exato momento. Ele perdeu, em circunstâncias atroz, duas de suas três crianças ilegítimas: Emily e Mary. Criadas sob a guarda de seu irmão mais velho, o reverendo Ralph Wilde, ambas pereceram queimadas vivas em um acidente ocorrido em 1871. Ele viveu essa dor de maneira ainda mais intensa porque, quatro anos antes, vira a única filha que teve em seu casamento com Jane perder a vida: Isola, nascida em 2 de abril de 1857 e morta em 23 de fevereiro de 1867 (aos nove anos) de um derrame cerebral em consequência de uma febre mal tratada.

Essa assustadora série de mortes violentas, que dizimou metade de sua descendência, não afligiu apenas Sir William. Ela também traumatizou, a ponto de instilar nele uma melancolia que nunca mais o abandonou, o jovem Oscar, que contava apenas onze anos quando morreu sua querida irmã Isola, dois anos e meio mais nova. Teria sido para ela – a quem era muito mais ligado do que a seu irmão Willie, dois anos mais velho – que compôs, em 1877, seu primeiro poema: “*Requiescat*” [Descanse], que só veio a publicar em 1881. Detalhe ainda mais significativo com relação a essa profunda afeição que alimentava pela irmã: quando 33 anos depois ele morreu em seu miserável quarto de hotel parisiense, os raros amigos presentes em seus últimos instantes encontraram, em meio a suas poucas possessões, um pequeno mas precioso envelope colorido contendo, guardada com cuidado, uma mecha de cabelo da saudosa irmã. Após tantas peregrinações e vicissitudes, após uma vida tão desvairada e uma morte tão solitária, essa era a única lembrança concreta, milagrosamente salva, que lhe restava da infância!

Quanto à maneira como o jovem Oscar entendia essa família no mínimo complexa – já que teve muito cedo, além de um irmão (Willie) e uma irmã (Isola), um meio-irmão

(Henry) e duas meias-irmãs (Emily e Mary) –, Pascal Aquien é quem nos dá a melhor descrição:

O pai de Oscar [...] tinha [...] duas famílias, uma oficial e outra oficiosa, organizadas segundo um princípio simétrico: duas filhas e um filho de um lado, dois filhos e uma filha do outro. O efeito de simetria reforçou-se pelo destino trágico das três filhas, todas mortas muito jovens.⁵

É nessa recorrente e quase obsessiva problemática da identidade que podemos identificar a origem de um dos principais temas da obra de Wilde: o do segredo familiar, pelo viés da ilegitimidade filial, e mais ainda o enigma vivo, inconfessável para a moral vitoriana, que representam os nascimentos fora do casamento. Richard Ellmann expressa isso claramente:

O interesse de Oscar Wilde pelas crianças abandonadas, pelos órfãos, pelos mistérios do nascimento talvez venha da experiência de observar a família paterna, que crescia quando todos, filhos legítimos e ilegítimos, passavam juntos suas férias de verão.⁶

E de fato: foi de um pai não identificado que nasceu, em *O retrato de Dorian Gray*, Sybil Vane, a bela jovem cujo irmão, James Vane, condenaria a mãe por esse pecado de juventude. Da mesma forma, em *A importância de ser prudente*, o juiz de paz John Worthing (apelidado Jack) é, assim como sua pupila, Cecily Cardew, uma criança abandonada. Quanto aos outros personagens centrais que são Lady Windermere, de *O leque de Lady Windermere*, e Gerald Arbuthnot, de *Uma mulher sem importância*, eles também são órfãos nascidos de mães desconhecidas.

Na peça *Um marido ideal*, Wilde critica a atitude por vezes irresponsável dos pais em relação a seus filhos:

Os pais não deviam nunca deixar-se ver nem ouvir. É a única base aceitável para a vida familiar. As mães são diferentes. As mães são queridas.⁷

Seguindo a mesma linha sarcástica em *A importância de ser prudente*, Jack não diz outra coisa:

Afinal, o que importa se um homem tem ou não um pai ou uma mãe? Uma mãe, é claro, é muito bom. [...] Um pai chateia [...]. Não conheço ninguém no clube que fale com o pai.⁸

Ao que o igualmente cínico Algernon replica, como se evocasse a reputação por tanto tempo maculada de Sir William: “Sim, nos dias de hoje os pais são um tanto malvistos”.⁹ A menos que seja uma advertência dirigida de maneira tácita, e por antecipação, a si mesmo, visto que Oscar Wilde, embora pai amoroso e cheio de atenções para com os filhos, Cyril e Vyvyan, foi injustamente destituído de seus direitos paternos após seu processo. Assim, do primeiro dia na prisão até seu último suspiro de vida, ainda teve de sofrer – como se os dois terríveis anos de cárcere não tivessem sido suficientes para puni-lo por seu hipotético delito – este castigo supremo: a proibição de rever os filhos.

Voltando aos imbróglios familiares e a outras carências genealógicas, à arte do segredo que ensaios como “A decadência da mentira” ou “A verdade das máscaras” tentaram circunscrever com uma precisão conceitual ainda maior, esse foi o tema literário que Wilde dedicou-se a concretizar em seus dois textos mais importantes, ou pelo menos os mais apreciados pelo público: num gênero cômico em sua peça de teatro *A importância de ser prudente* e num gênero trágico em seu romance *O retrato de Dorian Gray*. Muito mais: foi essa ambivalência existencial, prerrogativa do dandismo, que um ser tão completamente ávido de transgressão como Oscar Wilde, paradigma vivo da insondável profundidade da alma, expressou, cultivando-a a cada instante de sua própria vida, no mais alto nível de sua perfeição, fazendo dela uma das belas-artes! É assim que se esclarece, e ganha pleno sentido, a reflexão-chave de Wilde em *De profundis*, texto redigido enquanto apodrecia na prisão:

Os deuses me concederam quase tudo: eu possuía o gênio, um nome, posição, agudeza intelectual, talento. Fiz da arte uma filosofia e da filosofia uma arte.¹⁰

Esse “nome” que diz ter recebido dos “deuses”, Wilde, consciente do desperdício, lamentou tê-lo “desonrado para sempre” mais ainda do que tê-lo perdido, como reconheceu, consentindo em um lampejo de lucidez, no mesmo *De profundis*:

Minha mãe [...] e meu pai me deixaram como herança um nome que haviam tornado nobre e honrado não apenas na literatura, na arte, na arqueologia e na ciência, mas na própria história do meu país. Aquele nome, eu o desonrara para sempre, fizera dele objeto de zombaria entre a gente mais reles, arrastara-o pela lama, lançara-o às bestas [...] e aos tolos [...]. Nenhuma pena pode descrever, nem papel algum registrar, o que sofri então – e o que ainda hoje sofro.¹¹

Mãe coragem e seu filho Oscar

*Todas as mulheres chegam a parecer-se com suas mães.
É a tragédia delas . Os homens não. É a tragédia deles.*

OSCAR WILDE

A importância de ser prudente¹

De todos os seres que povoaram a infância de Oscar Wilde, foi sua mãe quem exerceu sobre ele a influência mais determinante.

Nascida em 27 de dezembro de 1821, Jane Frances Elgee não era uma mulher comum, em razão tanto de sua personalidade quanto de suas qualidades. Porém, um grande defeito caracterizou-a por toda a vida: uma absurda propensão para a megalomania, a qual, temperada com um toque de esnobismo, contribuía para aumentar seu narcisismo. Assim, esforçando-se para fazer as pessoas à sua volta acreditarem que tinha prestigiosas ascendências toscanas, florentinas para ser mais exato – e igualmente obcecada pela importância dos nomes –, não tardou a mudar seu nome de “Frances” para “Francesca”, que achava mais chique. Quanto a “Elgee”, seu nome de família, ela afirmava que vinha de “Algiati”, uma deformação fonética de “Alighieri” (o mesmo de Dante), de que era nada menos do que a forma celta!

Embora fosse apaixonada pela Itália, a verdade é que fazia questão de conservar, assim como seu marido Sir William, suas origens irlandesas. E por um bom motivo: a militante que foi por toda a vida sempre reivindicou, com rara convicção, um nacionalismo de conotações independentistas, chegando a proferir altos discursos no meio da multidão para defender suas ideias revolucionárias.

Como pseudônimo, inventou um nome de *pasionaria* latina com uma sonoridade perfeitamente grandiosa, Speranza, que acrescentou à divisa inscrita em seu papel de carta. Inspirada nos hinos patrióticos e em outros cantos guerreiros do épico de James Macpherson, foi com esse belo apelido

que assinou seus primeiros poemas, todos centrados no que ela imaginava ser as premissas de uma revolução que só estava esperando seu talento para se pôr em movimento!

Ela enviou esses poemas inflamados, com tons intensamente heroicos, a Charles Gavan Duffy, redator-chefe da *The Nation* – revista político-literária fundada em 1842 que exaltava, para profundo desagrado das autoridades britânicas, a independência da Irlanda. Duffy, que apreciou o conteúdo dos textos, acabou por se tornar seu primeiro editor. Contudo, é interessante notar outra curiosidade quanto a essa correspondência, ainda mais reveladora da interferência nos nomes que sempre encantou os Wilde. A exaltada Speranza – jovem cujo “porte majestoso, os olhos negros brilhantes, os traços heroicos pareciam pertencer ao gênio da poesia ou ao espírito revolucionário”² – enviou seus escritos acompanhados de uma carta de apresentação que assinou como John Fanshaw Ellis (eco linguístico de Jane Frances Elgee), preferindo confinar-se num anonimato masculino.

Essa grande jovem – que media mais de um metro e oitenta e gostava de desfilar pela sala de casa como uma diva no palco de um teatro – tinha um gosto todo especial, que inculcaria em seu filho Oscar, pela encenação. A cômica e enfática Speranza adorava “causar sensação”, assim como confessou, de modo grandiloquente e sem cerimônia, ao matemático William Hamilton.

Porém, foi ao se tornar – ainda que de maneira indireta – a heroína de um dos primeiros grandes processos políticos da história da independência irlandesa que Lady Wilde mostrou-se mais decisiva na influência que sempre exerceu sobre o jovem Oscar.

Esse acontecimento retumbante – capital mesmo, uma vez que orientaria toda a atitude de Oscar Wilde durante o seu próprio processo – ocorreu em dois momentos.

O primeiro episódio aconteceu quando Duffy foi preso pelas autoridades inglesas por atividades secessionistas. Então, arrebatada por uma impetuosidade que a tornava às vezes ainda mais inconsequente, Speranza não encontrou nada

melhor a fazer, para defender seu mentor, do que redigir em sua ausência, em dois números sucessivos da revista, editoriais enunciando com todas as letras o que ele não ousara expressar até ali senão de forma muito prudente. Assim, em “The Hour of Destiny”, artigo publicado em 22 de junho de 1848, ela proclamava que “a guerra com a Inglaterra havia começado”. E, uma semana mais tarde, reincidia num artigo chamado “*Alea Jacta Est*”. Embora se encontrasse na prisão, os dois apelos à sedição foram imputados pelo governo inglês ao próprio Duffy. Vexada com o fato de que seu talento não tivesse sido reconhecido de imediato, Speranza armou-se de coragem e foi dizer ao procurador da Coroa que era ela a autora dos textos, exigindo que essa acusação fosse retirada da denúncia contra Duffy. Diante de tanta combatividade da parte de Speranza, a Corte absolveu o redator-chefe!

Moral da história? Foi essa eficiente e salutar intervenção pública de Speranza – o único ato positivo em meio aos três grandes casos judiciais nos quais os Wilde se viram envolvidos – que levaria Lady Wilde, 47 anos mais tarde, ainda confiante na justiça de seu país, a persuadir seu filho a não fugir, enquanto ainda podia, do processo que o marquês de Queensberry movia contra ele. Tendo por base sua própria experiência de jovem revolucionária idealista, ela acreditava sinceramente que o filho também poderia, seguindo seu exemplo, triunfar contra a adversidade. A história provou o contrário.

Mortificada, a mãe de Oscar nunca mais se perdoou. Quando vieram lhe anunciar certa manhã – sem maiores delicadezas diante de seu coração debilitado ou de tudo o que já passara na vida (a morte de sua filha Isola permanecendo uma lembrança ainda forte) – a recusa definitiva da administração penitenciária de libertar seu filho sob fiança, sabendo que não voltaria mais a vê-lo, doente e acamada, quase moribunda, ela se virou para a parede do quarto e expirou, com os olhos cheios de lágrimas e a cabeça ardente de desespero, em 3 de fevereiro de 1896, aos 75 anos de idade.

É portanto no ápice dessa tragédia humana que ganha todo o seu sentido dramático esta reflexão de Oscar Wilde

– lembrando-se de sua mãe e homenageando-a ao mesmo tempo – dirigida a Bosie do fundo de seu cárcere:

Minha própria mãe, que sob o ponto de vista intelectual pode ser comparada a Elizabeth Barrett Browning e, sob o ponto de vista histórico, a Madame Rolland, morreu com o coração partido ao ver o filho, cujo gênio e a arte ela tanto se orgulhava e a quem considerara sempre como um digno continuador de um nome tão distinto, condenado a dois anos de prisão.³

Mas quais eram então – para além de sua mitomania, visto que o próprio Oscar, ao evocar sua calorosa mas atormentada lembrança, atribuía a ela um “nome tão distinto” – as verdadeiras origens da mãe de Oscar Wilde?

Essa dama, Lady Wilde – de estatura imponente e porte altivo, de voz aguda e inflexão peremptória, de temperamento exuberante e aspecto extravagante, de discurso acalorado e ideias subversivas, de sotaque cortante, que tinha por hábito chamar o filho de “Âscar” e não Oscar –, era a filha de um modesto advogado irlandês, Charles Elgee, que nasceu em 1783 e morreu em 1821, no ano em que ela veio ao mundo. Quanto a sua mãe, Sarah Kingsbury, a única posição que ocupou na vida foi a de filha de um pastor puritano muito rigoroso – um certo Thomas Kingsbury, que cuidava de seu rebanho de Kildare e ocupava o posto secular de “comissário de falências”.

Em suma, nada de muito notável nesse contexto familiar bastante distante de suas pretensas origens toscanas. A única pessoa interessante que Lady Wilde podia honestamente se vangloriar de contar entre seus ancestrais foi, do lado materno (e ainda assim se tratava apenas do marido de uma tia), o reverendo Charles Robert Maturin, membro influente do clero anglicano, cujo romance *Melmoth, o viajante*, publicado em 1820, fascinou tanto a Oscar Wilde que, assim que foi solto da prisão, durante todo o seu exílio e até a sua morte, tomou emprestado o nome de Sebastian Melmoth, personagem misterioso do famoso livro.

Foi a essa militante que desempenhou um papel central no movimento separatista “Jovem Irlanda” da década de 1840, mas sobretudo a essa mãe que ele venerou durante toda a sua vida, que o jovem Oscar, prestes a completar catorze anos, escreveu a primeira carta que se conservou dele. Ela é datada de 8 de setembro de 1868 e foi redigida na Portora Royal School de Enniskillen (escola da qual foi aluno de 1864 a 1871). Eis seu conteúdo completo, que revela o caráter já bastante forte de Wilde e, em particular, seu gosto marcado por roupas belas e vistosas (as mesmas que mais tarde fariam dele o dândi mais em voga, se não o mais elegante, da alta sociedade londrina):

Querida Mamãe,

A mala chegou hoje. Nunca tive uma surpresa tão agradável. Muito obrigado, foi mais do que gentil de sua parte. Por favor, não se esqueça de me mandar a *National Review*. As camisas de flanela que colocou na mala são ambas de Willie, as minhas são uma escarlate e outra lilás, mas é cedo demais para usá-las ainda, com o tempo tão quente. A senhora nunca me contou nada sobre o editor de Glasgow. O que ele disse? E já escreveu para a tia Warren no papel de carta verde?⁴

Por trás de seus ares dramáticos e de sua atitude inutilmente desdenhosa, a despeito da impertinência com a qual interpelava seus adversários ideológicos e afrontava as autoridades políticas, Lady Wilde era não apenas uma senhora de grande coração*, mas também uma mãe carinhosa e afetiva, sempre disposta a enfrentar a sociedade para proteger – por vezes correndo o risco de abalar sua reputação – seus filhos, que amava acima de tudo.

Foi por isso que, preocupada com o bem-estar dos seus, insistiu junto ao marido para que a família se mudasse da pequena, ainda que simpática, casa da Westland Row, 21, onde Oscar nasceu, para se instalar no magnífico solar que Sir William mandou restaurar para ela, com um endereço de muito mais prestígio, situado no requintado bairro residencial de Dublin, no Merrion Square North, 1.

* Assim como seu filho pródigo mostrou ser um homem generoso.

Foi ali, no coração da sociedade burguesa irlandesa, mas ao abrigo de seu austero puritanismo protestante, que Oscar Wilde – sempre muito consciente de seu fabuloso destino – passou a maior parte de sua infância e, desfilando como um cometa que atravessa o céu estrelado, os anos de sua adolescência.

Lady Wilde – para quem um dos grandes prazeres consistia em se exhibir diante de um público cativo e que, sempre pronta a melhorar a aparência, levava a vaidade ao ponto de esconder sua verdadeira idade, rejuvenescendo constantemente em cinco anos* – foi durante longos anos nessa casa, até a morte do marido, a carismática anfitriã do salão literário mais badalado de Dublin. Ela recebia todos os sábados à tarde, em geral na hora do chá e sempre sob uma luz suavizada, os artistas e intelectuais mais renomados da Irlanda, e às vezes também, para os que aderiam a suas ideias revolucionárias, da Inglaterra.

Frank Harris, amigo e editor de Wilde, ao vê-la pela primeira vez, reinando nesse salão como uma rainha no meio de sua corte, oferece a seguinte descrição:

Lady Wilde reinava atrás da mesa de chá, parecendo uma espécie de Buda feminino embrulhado em xales – uma mulher grande, com o rosto carregado e um nariz proeminente. Ela se maquiava como uma atriz e preferia naturalmente a penumbra à luz do sol. Seu idealismo se manifestava assim que tomava a palavra. Ser entusiasta era uma necessidade de sua natureza; críticos mais hostis a chamavam de histérica, mas eu prefiro dizer que era bombástica sobre tudo o quanto apreciava e admirava.⁵

Mas é Pascal Aquien quem nos pinta o quadro mais eloquente:

Outras testemunhas, como [...] Gertrude Atherton [...], ficaram impressionadas com a estranha personagem que ela

* Vaidade na qual seu filho Oscar não pôde evitar por vezes de cair, como por ocasião de seu processo.

compunha, estátua viva e imperatriz improvável: “Dir-se-ia uma soberana concedendo graciosamente uma audiência particular”. É verdade que usava um vestido de crinolina, fora de moda havia vinte anos, e que uma mantilha de renda preta presa a um grande pente espanhol lhe enquadrava o rosto. Quando a srta. Atherton se aproximou para cumprimentá-la, a rainha fantasmagórica ofereceu-lhe uma mão ossuda que a visitante se perguntou se deveria beijar.⁶

Retrato que Vyvyan Holland corrobora, caprichando nos pequenos detalhes, em suas memórias publicadas em 1954 sob o título de *Son of Oscar Wilde*. Com efeito, ao evocar a lembrança pessoal de sua avó paterna, conta que ela se vestia “como uma rainha de tragédia, com seu corpete ornado de broches e camafeus”.⁷

Nem um pouco surpreendente, portanto, que Wilde revestisse algumas de suas personagens femininas mais emblemáticas com os traços mais proeminentes dessa figura materna. Assim, numa cena de *Um marido ideal*, a sra. Cheveley ordena que Phipps, o criado, disponha velas munidas de quebra-luzes pela sala onde se prepara para encontrar Lord Goring, de modo a atenuar as rugas de seu rosto (que os padecimentos da idade lhe infligiram) e ao mesmo tempo a valorizar sua tez. Num registro mais político, Vera, a heroína de *Vera ou os nihilistas*, melodrama no qual essa revolucionária russa, meio idealista meio terrorista, planeja assassinar o czar a fim de instaurar em seu país um regime democrático, lembra muito sua mãe *pasionaria*.

Quanto a uma tragédia tão sexualmente violenta quanto *Salomé*, que Wilde escreveu em 1893, ela encontra sua primeira fonte, se não nesse delirante imaginário materno, ao menos em um de seus livros mais enigmáticos, *Sidonia the Sorceress* (1849), tradução livre feita por Lady Wilde da demoníaca *Sidonia von Bork*, de Wilhelm Meinhold. De fato, Oscar afirmava que a aterrorizante história dessa feiticeira sádica e necrófila, que sentia prazer dançando sobre caixões, era uma de suas leituras preferidas quando garoto.

Muito mais: foi no salão literário de sua ambiciosa mas querida mãe que Wilde – sempre presente e perfeitamente à vontade – fez seus primeiros encontros importantes na esfera intelectual, pois frequentavam o salão personalidades tão eminentes quanto George Bernard Shaw e William Butler Yeats, ambos futuros Nobel de literatura.

Não há dúvida de que Lady Wilde, mulher de ação e de ideias, desempenhou um papel bastante decisivo tanto na formação filosófica e artística quanto na educação moral e social do jovem Oscar.

O que mais nos ensina essa famosa carta de 8 de setembro de 1868, redigida por um filho em plena puberdade? Coisas bastante edificantes a respeito de sua futura existência adulta.

Assim, se vislumbramos nela o interesse que o jovem Wilde manifestou desde muito cedo pelo engajamento político de sua mãe, é sobretudo em matéria de estética que se revelam claramente seus gostos pessoais e, em especial, o cuidado que sempre dedicou, com toda a meticulosidade de que um verdadeiro dândi é capaz, à sua aparência física. Assim ele pede que a mãe lhe envie camisas de cores tão vistosas como excêntricas (escarlate e lilás) e de uma originalidade que já o distingue bastante nitidamente de seu irmão Willie.

E de fato: é sobre o vermelho, e todas as suas nuances, que sua preferência sempre recairia. Não é, aliás, com uma simbólica “túnica vermelha” – semelhante àquela em que Cristo foi envolvido durante o martírio que lhe infligiram os romanos antes da crucificação – que o condenado de “A balada da prisão de Reading” (um oficial da Cavalaria Real) se encontra de início vestido, nos moldes do uniforme suntuoso que vestia em plena glória, antes que seus carrascos o cobrissem, nos últimos instantes de seu suplício, com uma “rota roupa e cor de cinza”? Pois é assim que começam os primeiros versos:

Já não usava a túnica vermelha
[...].

Caminhava entre os Homens Condenados
Com rota roupa e cor de cinza,
Um gorro de críquete na cabeça.⁸

Porém, eis o mais notável nesse poema: o condenado usa, desafiando todo senso de ridículo, um “gorro de críquete”. O que mais mencionava a carta do jovem Wilde, da qual infelizmente a segunda parte se perdeu? Seu interesse justo pelo críquete! Percebe-se assim a extraordinária continuidade que existe na obra de Oscar Wilde, já que lidamos aqui com dois escritos – um do início de sua vida (na época da Portora School) e outro de seu extremo fim (no período em que esteve em Reading) – que pontuam em suas entrelinhas, através das alegrias da infância e das misérias do homem que se tornaria, o próprio sentido de toda a sua vida.

Essa outra cor, o verde, pela qual o jovem Oscar já demonstrava curiosidade na carta, não era a do cravo que os homossexuais daquela época (parisienses sobretudo) tinham o costume de usar na lapela em sinal de adesão mais do que de distinção? Muitos anos mais tarde, seria uma das preferidas de Wilde.

Todavia, será que deveríamos ver nesse amor incondicional pelas roupas mais extravagantes, assim como nessa predileção pelas cores mais vibrantes, os sinais prenunciadores de uma homossexualidade latente? Não necessariamente. Assim como nada autoriza a pensar, ao contrário do que afirma Robert Merle, que essa homossexualidade derivaria do fato que, após o nascimento de seu primeiro filho, Willie, sua mãe desejava ardentemente uma filha e que, desapontada por ter dado à luz a um segundo menino, vestiu-o desde muito cedo com roupas femininas, como testemunha a primeira fotografia de que dispomos dele, quando tinha apenas dois anos. Pois era costume nessa época, nas altas esferas da sociedade vitoriana, vestir crianças muito jovens com vestidos decotados e saias bufantes, tudo isso paramentado com sapatos de verniz e um penteado cacheado.